

O LIDADOR: A MÍDIA IMPRESSA EM JACOBINA (BA) NA DÉCADA DE 1930

Adriano Antônio Lima Menezes
Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: almalimenez@hotmail.com

Palavras-chave: Imprensa. Cultura. Representação. Poder.

Através de dêitico temporal relativo ao símbolo da identidade nacional construído pela historiografia brasileira, no contexto histórico em que o fato ocorre – sete de setembro de 1933 –, aliando aspectos regionais e locais de uma cidade considerada por seu autor, Amado Barberino, como o leito para o seu *repouso* final ou *derradeiro sono*, desde o primeiro parágrafo do texto “A imprensa em Jacobina” tem-se uma linguagem ufanista, característica da imprensa em formação no interior do Brasil a partir do início do século XX, configurando uma referência espacial determinante para o nascimento do jornal *O Lidador*, um periódico semanal da cidade em uma região do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia:¹

Surge, hoje, afinal, dia em que comemoramos, com vivo entusiasmo, a independência do nosso querido Brasil, “O Lidador”, o quinto hebdomadário que sai à luz da publicidade nesta, mais uma vez, secular cidade, onde tive a suprema ventura de nascer e espero em DEUS repousar no meu derradeiro sono (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 1).

Preferencialmente, o autor delineou a cidade de Jacobina como um lugar privilegiado da Natureza, relativo não a elementos biológicos, mas identitários, culturais, ao personificá-la no texto, dialogar com ela – referência indireta a um possível público leitor – e afirmar que um novo jornal, na seqüência textual, será um futuro “advogado” e “impulsionador” do seu progresso. Mas quem ou o que poderia vir a ser este *advogado* numa cidade do interior da Bahia, no início da década de 1930, período histórico de turbulências na política e nas relações de poder em nível nacional, embora permanecessem, no interior da Bahia, apenas

¹ Ao privilegiar a região em detrimento da cidade, embora possamos constatar que o jornal foi produzido na cidade de Jacobina, relevamos desde o primeiro momento as reais circunstâncias em que tal fato ocorreu e o discurso proferido por diversos autores que possibilitaram sua circulação de 1933 a 1943, tanto na referida cidade como em outras circunvizinhas pertencentes à região descrita de modo espacial pela Geografia.

mudanças nas oligarquias do poder instituído?² No texto, o que pode ser visto é a representação de valores ideológicos, por descrever o jornal como um defensor da e para a cidade conquistar “suas nobres aspirações”, aferindo-o uma função social no significado de sua personificação.

Em virtude de o jornal ter sido dirigido por um homem, expresso no texto como “perseverante”, “inteligente” e “devotado ao trabalho”, é possível admitir a correlação estabelecida entre estes elementos considerados como sustentáculos para um prognóstico de vir a ter uma “existência longa, toda dedicada a bem servir ao público, sem paixões, dentro dos limites da sã moral, devotado inteiramente às aspirações, ao engrandecimento e à felicidade desta terra” (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 1) e a ideologia liberalista de uma livre iniciativa como determinante para qualquer crescimento econômico no país.

Ao tratar por seu aspecto semiológico as relações de poder instituídas nos mecanismos de intercâmbio social, Roland Barthes afirma em sua *Aula* inaugural de Semiologia Literária no Colégio de França em 1977 que estas estão presentes

não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo (BARTHES, 1978, p. 11).

E o objeto em que se inscreve o poder na humanidade é a linguagem ou sua expressão obrigatória: a língua, isto é, seu código que, para ele, é *fascista* por “obrigar a dizer”, entrando a serviço de um poder quando é proferida, embora os signos de que ela é feita estão sujeitos ao tempo e às possíveis interpretações.

As informações construídas por Amado Barberino, comerciante local na década de 1930 e proprietário do primeiro jornal a circular na cidade de Jacobina entre 1916 e 1917, *Primavera*, partem de imagens construídas para parabenizá-la pela inauguração de um meio de comunicação característico do que era considerado como uma imagem da modernidade. Dito de outro modo, pode-se considerar que a imagem atribuída ao jornal – um *advogado* – ao continuar o texto estaria correlacionada ao trabalho, à livre iniciativa de um homem que o estaria levando à cidade e analogicamente ao símbolo de independência nacional e democrática.

² Cf. Cid Teixeira, em “Oligarquias na política baiana”, “o poder coronelístico do Nordeste da Bahia foi um poder, digamos, de cúpula, mais palaciano, mais conchavista, mais macio no seu exercício; não há uma truculência pessoal do coronel, não há aquela figura de bravura ou exercício pessoal de um poder paramilitar” (In: LINS, 1988, p. 37).

A independência atribuída ao jornal em seu texto inicial, porém, em exemplares seguintes pode ser vista como paradoxal se levar-se em conta, por exemplo, o ano de 1934, quando foram realizadas campanhas eleitorais para o governo do estado da Bahia e para sua Assembléia Legislativa, colocando em relevo uma posição política, de certo modo, contrária à de Getúlio Vargas com a Revolução de 1930, descrevendo-o como um *ditador*, “candidato de si mesmo” à presidência da república que teria em contrário a “má vontade com que a consciência nacional encara essa pretensão” (O LIDADOR, 06 jul. 1934, p. 1); assim como a simpatia do jornal a Octavio Mangabeira, opositor de Juracy Magalhães – interventor federal na Bahia – dirigindo “merecidas homenagens” e aclamações como o brado “Salve Octavio Mangabeira” (O LIDADOR, 10 ago. 1934, p. 1); entretanto, quando se lê em outros exemplares do mesmo ano, logo se pode perceber o apoio dado pelo jornal ao candidato local à Assembléia Constituinte, Francisco Rocha Pires, pertencente ao grupo político do então interventor, Juracy Magalhães.³

Cabe então destacar que, ao retornar à primeira página do primeiro exemplar do jornal *O Lidador*, bem como as pesquisas até então realizadas no campus IV da Universidade do Estado da Bahia acerca do periódico, o raciocínio deve ser aberto para tentar compreender alguns de seus elementos: a linguagem trabalhada de modo textual e imagético em seus números, seu discurso, seu sujeito, seu plausível receptor ou a quem estava direcionado, as circunstâncias históricas em que foi publicado e sua importância na difusão de uma ideologia liberalista presente nos diversos grupos políticos da época.⁴

Logo no centro da primeira página de *O Lidador*, em uma diagramação que é possível ser interpretada como tentativa de atrair a atenção do leitor, seja por sua localização, seja por seu título – *Ao povo jacobinense e aos assinantes do “Mundo Novo”* –, a curiosidade de um leitor atual, assim como daquele do contexto histórico em que foi publicado, logo é despertada por meio da alusão que a manchete faz a outro periódico devido ao chamado direcionado a seus *assinantes*. Analisando o contexto histórico em que houve uma modernização das máquinas e equipamentos da imprensa nos grandes centros urbanos,⁵ na transição do século XIX para o século XX, é dedutível *a priori* que a mudança de um jornal de uma cidade menor para outra, maior, como um empreendimento do empresário Nemésio

³ Cf. Luiz Henrique Dias Tavares, em *História da Bahia* (2001, p. 393-398).

⁴ Jean-François Sirinelli, em seu texto “Os intelectuais” ressalta que estudar a história dos intelectuais deve ser feita em três níveis: *ideologias, cultura política e mentalidades coletivas*, para então se chegar a uma história política (In: REMOND, 1996, p. 262).

Lima para melhor obter lucros com seus equipamentos gráficos e, paralelamente, desenvolver uma atividade intelectual que ganharia mais valor, após sua inserção nos meios sócio-econômicos, com a difusão de autores do modernismo *verde-amarelo*⁶ em todos os campos da representação do cidadão brasileiro na primeira metade do século XX. Porém, levando em conta que não foi em 1933, mas nas décadas de 1910 e 1920 que chegaram as máquinas ao interior da Bahia, mais especificamente a região foco de análise – é em 1917 que surgem os jornais *A Primavera*, em Jacobina, e *O Correio do Sertão*, em Morro do Chapéu, bem como em 1920 com o jornal *Mundo Novo*, na cidade homônima – pode-se caracterizar a imprensa como o foco o estudo dos intelectuais, exemplificado por periódicos que ganharam importância nos meios sócio-econômicos em que circularam, propiciando repercussão em cidades circunvizinhas, além de divulgarem ideologias políticas quando veio a ocorrer a revolução tenentista em 1930.

Retornando ao texto “A Imprensa de Jacobina”, pode-se ler logo nas primeiras linhas do terceiro parágrafo a valorização de seu diretor-proprietário como um “moço mundonovense”, de “espírito perseverante e inteligente (...), devotado ao trabalho”, ao ato de lidar: em suma, um *Lidador*. Visto de outro modo, o texto que configura uma propaganda tanto da imprensa como do próprio jornal, complementado com as congratulações de um morador da cidade e seu desejo de que este tivesse “uma longa existência dedicada a bem servir ao público, sem paixões, dentro dos limites da sã moral” (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 1) para aquele que era inaugurado em Jacobina, pode ser interpretado como uma justificativa da importância da imprensa na cidade, onde são conjuntos dois elementos paradoxais advindos de sua história mitificada: referências que o põem em sincronia com todas as contradições sócio-econômicas do Brasil em um capitalismo antecessor à Segunda Guerra Mundial – natureza e tecnologia, tradição e modernidade –, a ideologia integralista defensora do liberalismo econômico e do *labour commandad*, prerrogativa básica para a geração de lucros e desenvolvimento, de acordo com Adam Smith em suas conferências na University

⁵ Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil*, analisando a transformação da imprensa em empresa nos grandes centros urbanos, afirma que “o equipamento dos jornais acompanhava a etapa empresarial; os velhos equipamentos eram encontrados ou vendidos a folhas do interior” (1999, p. 281).

⁶ Tome-se como referência o Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo, publicado em 1929 (SHWARTZ, 1995, p. 148), além da publicação no jornal de textos de autores como Menotti Del Picchia (O LIDADOR, n. 139, p. 1, 17 maio 1936) e Plínio Salgado (O LIDADOR, n. 59, p. 1, 19 out. 1934), por exemplo, do cânone literário nacional, além de Eulálio Mota (1907-1988), escritor da cidade de Mundo Novo, não canônico, acirrado defensor do integralismo (O LIDADOR, n. 17, p. 1, 02 fev. 1934; n. 84, p. 4, 28 abr. 1935, p. ex.) que publicará em sua trajetória histórica textos poéticos (O LIDADOR, n. 7, p. 4, 20 out. 1933; n. 40, p. 4, 08 jun. 1934, p. ex.) e outros.

Glasgow em 1763 e posteriormente em *A Riqueza das Nações*, de 1776 (cf. NAPOLEONI, 1983, p. 40-84):

A lendária Jacobina, modernizada (...), ostentando modernos prédios arquitetônicos, coreto, coretos, pontes de cimento armado, bela balaustrada ornando o longo cais do rico rio que, em amoroso murmúrio, lhe atravessa o coração, fornecendo energia elétrica para a sua deslumbrante iluminação pública e particular; Jacobina, montanhosa cidade sertaneja, guarnecida de fortalezas naturais, abertos os seus portões à dinamite pela engenharia brasileira. Para entender os longos fios de aço, a fim de passar a locomotiva e pelo espaço os fios elétricos, condutores do pensamento e da palavra (...) (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 1).

Assim são valorizadas as novas tecnologias que chegavam ao interior, representadas pelos ícones “longos fios de aço, a fim de passar a locomotiva e pelo espaço os elétricos, condutores do pensamento e da palavra” (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 1). Por conseguinte, dirigindo-se à cidade de Jacobina, ou a seu público leitor, cujo entretenimento é demonstrado no texto pelo cinema e pelo rádio, são contrapostas fazendas e automóveis com quem as primeiras começam conviver, ouvindo o “fofonar dos autos”, argumentando não dever mais ficar apática e “permanecer criminosamente nessa letargia” ou no “véu negro do silêncio”. Deste modo, é concluída a justificativa para o valor do jornal e apontada uma abertura textual para a curta “vida dos jornais da velha terra” (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 7) que antecederam *O Lidador: A Primavera* (1916), *O Centro* (1921, apenas um exemplar), *Correio de Jacobina* (1921-1927) e *O Ideal* (1927).

Na quarta página do primeiro número do jornal *O Lidador*, em uma pequena coluna intitulada *Despedida*, seu diretor-proprietário, Nemésio Lima, comenta sua saída da cidade de Mundo Novo de maneira superficial como desculpas por ter saído da cidade de Mundo Novo sem se despedir de seus amigos e assinantes do jornal *Mundo Novo*: “assim, deixam, nestas linhas, um adeus à terra e ao povo mundonovenses” (O LIDADOR, 07 set. 1933, p. 4). Porém, verificando o então espaço territorial da cidade, pode-se deduzir que tal fato nos dá a entender uma saída de modo apressado, como disseram alguns de seus familiares entrevistados, em referência, como uma *fuga*.⁷

Após a obtenção e leitura de acervo particular do jornal *Mundo Novo*, o que se pôde constatar foi que por ser detentor de uma linguagem sagaz e irônica, ao criticar a administração do então prefeito da cidade de Mundo Novo, na década de 1930, o Dr. Raul

⁷ Entrevistas, com os familiares de Nemésio Lima – proprietário do jornal –, Roberto Lima, filho, Geraldo Leite, genro, em 13 nov. 2008, e Lúcia Angélica Trindade, sobrinha, entrevistada em 29 abr. 2009.

Victoria; conforme exemplo no artigo intitulado “Embelezamento da cidade”, de 18 de dezembro de 1931 (MUNDO NOVO, 18 dez. 1931, p. 1), criando condições para um conflito político entre o prefeito e o grupo político em que estava inserido o Sr. Nemésio Lima. Nesse artigo, abordando as obras da referida administração, o jornal afirmava não ter dúvidas quanto à necessidade de “melhoramento da praça do comércio” da cidade, além de trazer ao então administrador “as maiores gratidões do público de Mundo Novo”; porém seria melhor trabalhar uma cadeia pública para o município já que o prédio onde esta estava localizada era alugado, não próprio, divergindo da obra considerada pelo prefeito como prioritariamente necessária, ousando registrar o jornal como uma voz pública acerca do assunto e deixando claro que “um dos maiores fatores mais responsáveis pelo atraso material desta terra tem sido a divergência de idéias entre pessoas que alimentam a divergência partidária” (MUNDO NOVO, 18 dez. 1931, p. 1).

Posteriormente, no jornal *Mundo Novo*, de 17 de julho de 1932, tem-se uma nota intitulada como *Espancamento*, denunciando abusos de poder pelo prefeito e seus correligionários contra outro cidadão acusado pelo furto de um revólver que nunca teria ocorrido; segundo carta-aberta com firma reconhecida registrada em cartório, assinada por Péricles Lino Gonçalves e outros também é denunciada uma tentativa de suborno pelo advogado do prefeito e pedida a proteção do interventor estadual e do chefe de polícia por tal documento. Enfim, diante deste e de outros documentos históricos já nas dependências do Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade, Campus IV da UNEB, para digitalização, pode-se verificar como a palavra girava na cidade de Mundo Novo, forçando *a posteriori* o diretor-proprietário do jornal homônimo para fora da cidade, mais especificamente ao denunciar tais fatos e cobrar do prefeito respostas para questões abertas, demonstrando o poder da linguagem como um dos elementos fundamentais para os conflitos sócio-políticos que vieram a propiciar o surgimento do jornal *O Lidador* na cidade de Jacobina.

No livro *Uma história social da mídia*, de Peter Burke e Asa Briggs (2006), é feita uma alusão à expressão “quarto poder” atribuída à imprensa e cunhada pelo historiador Thomas Babington Macaulay no século XIX na Grã-Bretanha referindo-se à Galeria de Imprensa no Parlamento inglês. O jornal que passa a circular tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra ganharam força maior nas três últimas décadas desse século quando se tornam mais baratos, utilizando um método de impressão com placa de metal de tipos, além de separar “notícias” de “pontos de vista”, revelando certa liberação das *amarras políticas* que o prendiam. Visando diminuir os custos de produção de periódicos com a defesa de que estariam sendo libertados dos impostos, ou taxas de conhecimento, sobre o papel e a

impressão, tais meios de comunicação puderam publicar desde textos de Shakespeare a artigos de Engels, levando a todos os públicos textos literários que até então ficavam restritos a uma elite letrada e detentora do poder econômico (BURKE; BRIGGS, 2006, p. 192-215).

Embora no caso do Brasil o processo se deu de forma diferenciada, foi a partir das novas tecnologias que chegavam aos grandes centros econômicos locais que as velhas máquinas puderam sair das capitais para o interior conforme atestam as pesquisas do historiador Nelson Werneck Sodré em seu livro *História da Imprensa no Brasil* (1999, p. 275-306), levando-nos a tal nível de análise por propiciar desde o final do século XIX, mais especificamente nas primeiras décadas do século XX, que esta mídia chegasse ao interior do país, em especial à região do Piemonte da Chapada Diamantina.

Pensando o “sertão” culturalmente através de suas manifestações, fruto de uma busca de identidade cultural advinda do romantismo de José de Alencar (*O Sertanejo*, 1875), e transformada pelos pré-modernistas Euclides da Cunha, com *Os Sertões* (1902), e Monteiro Lobato, com *Urupês* (1918), por exemplo, nas primeiras décadas do século XX, pode-se abrir o olhar para uma região que fora a princípio apenas um dos “Caminhos do Sertão”, formado a partir da busca do ouro no século XVIII e do caminho “das minas de Jacobina para o Rio de Contas”, de Joaquim Quaresma Delgado (Cf. NEVES, 2007, p. 59-87), possibilitando a criação de uma cidade que ganhou emancipação política no final do século XIX por conta de sua expansão econômica baseada na mineração: Jacobina. É nesta parte do sertão que no início do século XX algumas manifestações culturais decorrentes de indivíduos letrados e melhor informados, que, independente de sua formação intelectual, puderam se expressar por meio de uma pequena gráfica, em expansão pelo interior do país, deixando registrados documentos impressos em forma de jornal e livros publicados.⁸

Levando em conta as circunstâncias políticas do surgimento do jornal *O Lídador* em Jacobina, conseqüência do fechamento do jornal *Mundo Novo* período de implantação do governo interventor nos diversos municípios do interior da Bahia, a lacuna aberta está mais relacionada ao seu fechamento, em 1943, visto através de outro texto, de Amado Barberino, em outro periódico local, *O Jornal* (1960), quando tenta uma invenção da “História da Imprensa em Jacobina”:

⁸ São tomados como exemplos os livros *Apologia dos meses* (1933), *Sertanejas* (1935), de Eurycles Barretto, *Elementos da História do Brasil* (1929) e *Elementos Gramaticais* (1930), de Adolpho Barretto, publicados em Jacobina pelas tipografias Mundo Novo e O Lídador.

Conseguiu, felizmente, O Lidador atingir seu décimo ano de vitoriosa jornada, deixando, entretanto, um enorme vácuo na imprensa sertaneja, ao encerrar suas atividades em 14 de março de 1943.

Com seu desaparecimento – bastante sentido – ficou Jacobina privada do possante farol que iluminava a senda do progredir incessante, ficando quase relegada para a obscuridade, porque ‘terra que não tem jornal é terra morta’, assim já se expressava um grande escritor (O JORNAL, 15 jan. 1960, p. 6).

Ao analisar a posição política do Sr. Nemésio Lima, proprietário do jornal em estudo, mais a ruptura com o governo federal e aproximação dos adeptos de Juracy Magalhães e de Otávio Mangabeira na Bahia a partir de 1942,⁹ aliadas ao bloqueio pela censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) vigente durante o Estado Novo, pode-se relevar que, além das circunstâncias políticas, existiram circunstâncias econômicas como molas propulsoras da desativação do jornal em Jacobina: a partir de 1943, em Salvador, Nemésio Lima deu continuidade ao seu desenvolvimento empresarial na Bahia, desta vez com a transferência e ampliação da empresa gráfica em Feira de Santana (BA) e na capital do Estado.

O poder ganho pela mídia impressa em Jacobina pode vir a ser comprovado, portanto, pelo período de duração do periódico *O Lidador* na cidade, bem como sua utilização por políticos locais para campanhas eleitorais tornando-se também um importante veiculador da ideologia integralista nos primeiros anos da era Vargas no estado da Bahia e no Brasil como um todo. Defendendo a *imparcialidade* como pressuposto básico para uma boa imprensa, o jornal pôde assim aliar-se a comerciantes e fazendeiros locais descontentes com as transformações em andamento no país e no estado, além de abrir possibilidades de publicações para outros intelectuais da região que não podiam ter suas obras publicadas na capital.

Devido à postura e circunstâncias sócio-políticas de Nemésio Lima é plausível comprovar a adequação política de intelectuais do interior da Bahia a partir da terceira década do século XX, em busca de sincronia com outras transformações culturais que ocorriam na capital do Estado e no país como um todo. Por um lado, tem-se na imprensa um ícone da modernidade de nossos intelectuais nos pequenos centros urbanos do interior do Brasil; por outro lado, esta mesma imprensa pode ser vista como centro difusor de novas produções

⁹ Segundo Paulo Santos Silva (2000, p. 46), em *Âncoras de Tradição*, “sua ruptura com o novo regime culminava e concretizava as pregações ‘democráticas’ que vinha fazendo em seus discursos desde 1935. Sua atitude aproximaria ‘juracisistas’ e ‘mangabeiristas’ e os vincularia na luta pela ‘redemocratização’ do país iniciada a partir de 1942, quando o Estado Novo começou a declinar”.

literárias de autores locais, fruto do *verde-amarelismo* modernista, em busca de identidade cultural, aliada aos jovens coronéis em busca de autoafirmação política.

Por considerar sua existência em um período de transformação da imprensa brasileira, aliado ao apoio político dado pelas elites locais, mais a luta formada em torno de tendências políticas na Bahia depois da revolução de 1930, surgiu e foi encerrado o jornal *O Lidador* na cidade de Jacobina. Em seu curto período de existência, dez anos, *O Lidador* contribuiu para que a região do Piemonte da Chapada Diamantina pudesse entrar em contato com as novas tendências modernistas que aconteciam nos grandes centros urbanos brasileiros da época, através de textos de intelectuais locais que, por sua vez, consideravam-no como um meio para a expressão de seu discurso político-liberal e a autoafirmação de uma cidade do interior, baseada em tradição e modernidade, reflexo da busca de uma identidade cultural regional e, por conseguinte, nacional.

Fontes

MUNDO NOVO. Mundo Novo, n. 197, 18 dez. 1931.

_____. Mundo Novo, 17 jul. 1932.

O JORNAL. Jacobina, n. 5, 15 jan. 1960.

O LIDADOR. Jacobina, n. 1, 07 set. 1933.

_____. Jacobina, n. 44, 06 jul. 1934.

_____. Jacobina, n. 49, 10 ago. 1934.

Referências

BARBERINO, Amado. A Imprensa em Jacobina. In: *O Lidador*. Jacobina, n. 1, p. 1, 07 set. 1933.

_____. A História da Imprensa em Jacobina. In: *O Jornal*. Jacobina, n. 5, p. 6, 15 jan. 1960.

BARRETTO, Adolpho. *Elementos de História do Brasil*. Mundo Novo: Tipografia do Mundo Novo, 1929.

_____. *Elementos Gramaticais*. Mundo Novo: Tipografia do Mundo Novo, 1930.

BARRETTO, Eurycles. *Apologia dos meses*. Mundo Novo: Tipografia do Mundo Novo, 1933.

_____. *Sertanejas*. Jacobina: Tipografia d'O Lidador, 1935.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

NAPOLEONI, Cláudio. *Smith, Ricardo, Marx: considerações sobre a história do pensamento econômico*. Tradução de José Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta (Orgs.). *Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. Salvador: Editora Arcádia, 2007.

SHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Edusp, 1995.

SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-49)*. Salvador: EDUFBA, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 231-269.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: UNESP, 2001.

TEIXEIRA, Cid. As Oligarquias na política Baiana. In: LINS, Wilson et al. *Coronéis e Oligarquias*. Salvador: EDUFBA, 1988, p. 37-50.